



O ESPAÇO ESCOLAR E O CONTROLE DOS CORPOS: A PRÁTICA ESPORTIVA COMO PRÁXIS DE LIBERTAÇÃO, DESALIAÇÃO E APRENDIZAGEM

Resumo - Diante da necessidade de adequação das instituições educacionais quanto às práticas pedagógicas na atualidade, aspecto que encontra na heterogeneidade social presente na escola seu principal elemento constitutivo, o presente artigo tem como eixo central a compreensão do corpo e do seu controle repressivo no universo escolar. Partindo de uma análise baseada na concepção freireana de educação, busca-se compreender a visão histórica dicotômica entre corpo e mente, e apresentar uma nova forma de se observar o corpo na escola, em uma perspectiva multicultural.

Palavras-chave: Corpo; Esporte na escola; Alienação; Multiculturalismo; Educação humanizadora.

SCHOOL SPACE AND BODY CONTROL: SPORTIVE PRACTICE AS PRAXIS OF FREEING, DESALINATION AND LEARNING

Abstract – In face of the requirements to adapt the educational institutions regarding current pedagogical practices, an aspect that finds in the social heterogeneity present in the school its main constitutive element, this article has as a central axis the comprehension of body and its repressive control inside the school universe. Starting from an analysis based on Freire's conception of education, we seek to understand the dichotomic historical vision between body and mind and to present a new way of observing the body in school from a multicultural perspective.

Keywords: Body; Sport at school; Alienation; Multiculturalism; Humanizing education.

ESPACIO ESCOLAR Y CONTROL DEL CUERPO: PRÁCTICAS DEPORTIVAS COMO PRAXIS DE LIBERACIÓN, DESALENAMIENTO Y APRENDIZAJE

Resumen - Dada la necesidad de adaptar las instituciones educativas a las prácticas pedagógicas actuales, un aspecto que encuentra en la heterogeneidad social presente en la escuela su principal elemento constitutivo, este artículo tiene como eje central la comprensión del cuerpo y su control represivo en el universo escolar. Partiendo de un análisis basado en la concepción de educación de Freire, buscamos comprender la visión histórica dicotómica entre el cuerpo y la mente, y presentar una nueva forma de observar el cuerpo en la escuela, desde una perspectiva multicultural.

Palabras-clave: Cuerpo; Deporte en la escuela; Alienación; Multiculturalismo; Humanizando la educación.

*Eder Alexandre
Magalhães*

*Secretaria Municipal de
Educação de São Paulo,
Brasil*

professoreder@gmail.com

*Maria Alice
Zimmermann*

*Escola de Educação
Física e Esporte*

*Universidade de São
Paulo, Brasil*

*mariaalice.zimmermann
@gmail.com*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v3.id74](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v3.id74)*

Recebido: 3 Nov 2019

Aceito: 16 Nov 2019

Publicado: 20 Nov 2019

Introdução

Diversas transformações vêm ocorrendo no cenário educacional nas últimas décadas. Com o progressivo crescimento da sociedade de consumo, resultado da estimulação da ordem capitalista, o universo escolar passou a ser representado como um campo de batalhas. Se por um lado, o sistema hegemônico tenta utilizá-lo como ferramenta para perpetuação do status quo vigente, por outro, vários grupos procuram compreender sua lógica alienante transformando-a em um meio para transformação e superação das desigualdades e imposições sociais.

Partindo de tal constatação este artigo se concentra na compreensão da instituição escolar enquanto fomentadora de um tipo de sociedade determinada por um grupo social, que, simultaneamente controla os meios de produção.

No que diz respeito aos objetivos, procurou-se compreender o quanto o controle dos corpos pode ser uma estratégia para manipulação e alienação do indivíduo, ao mesmo tempo, se buscaram alternativas, existentes atualmente nas teorias educacionais de superação de tal modelo de ensino.

Sendo assim, tal estudo, se justifica mediante uma necessidade real de criação de novos mecanismos que contribuam na formação de sujeitos para que possam intervir na realidade concreta da sociedade, propondo alternativas para uma nova experiência social, como protagonistas de suas ações.

A proposta está estruturada em três etapas. Num primeiro momento buscou-se compreender o conceito de corpo ao longo da história em concepções pedagógicas que o percebem separado da consciência, assim como a relação de controle corporal existente dentro do ambiente escolar, que contribui para o processo de alienação dos indivíduos.

Em uma segunda parte, falamos sobre os processos de alienação e desalienação que podem vir a ser desenvolvidos nas instituições escolares, e o reflexo de tais processos e respectivas concepções em relação aos corpos presentes na escola, apropriando-se, então, das concepções de Freire^{1,2}.

Em seguida discorreremos sobre o tratamento dado ao corpo na atualidade com base em referências multiculturais, ressaltando-se a importância das práticas esportivas como fenômeno da diversidade cultural e na prática de uma educação fomentadora de uma sociedade de fato democrática.

Corpo e escola: Uma relação de controle

Nossa compreensão acerca da definição de corpo está diretamente relacionada aos condicionamentos sociais que nos são impostos. Aos aspectos biológicos são acrescidos questões culturais, costumes, hábitos e representações típicos de cada cultura. Deste modo, vamos gradativamente moldando a forma de ver e analisar o corpo.

Castro, Andrade e Muller³ constataam que a fragmentação do corpo e sua dicotomia em relação a mente vem se perpetuando desde a Antiguidade, quando filósofos se debruçavam sobre as discussões referente à existência da alma, à origem das doenças, entre outros, atrás de respostas para os questionamentos humanos.

De acordo com Souza Santos⁴, Shopenhauer, acompanhando o pensamento de Platão, traz a consideração de que o corpo é um obstáculo ao conhecimento, afirmando que todo o conhecimento que seja originário dos sentidos é enganador, afastando assim a sensibilidade de uma possibilidade de pensamento exato e seguro.

Algumas tentativas buscaram identificar funções para o corpo, fora deste paradigma corpo-mente como elementos distintos, procurando atender a uma visão mais integral de desenvolvimento das práticas educacionais. Miltein e Mendes⁵ identificam a existência, no plano pedagógico, de duas perspectivas dominantes a partir do século XIX, “corpo-saúde e corpo aprendizagem cognitiva (p. 34)”.

Para Miltein e Mendes⁵, a escola, portanto, deveria corroborar para a configuração de um corpo saudável, livre de doenças e resistente para manutenção das atividades laborais dos indivíduos. Esta forma de compreender o corpo ainda encontra respaldo atualmente em muitos discursos.

Oposta a tal visão e com forte influência da psicologia, o desenvolvimento da psicomotricidade procurava identificar outra função para compreensão do corpo. Para tal concepção este seria um facilitador para introdução no sujeito de práticas educativas.

De todo modo, observa-se que se mantém uma postura dualista frente à funcionalidade do corpo, pois, permanece em sua essência a dupla constituição, corpo-mente.

Uma vez havendo dicotomia entre o corpo e a mente, ou mesmo, entre funções pré-determinadas ao corpo, ao longo da história, este acabou sendo tratado como algo menor em relação à razão. Subjugado às atividades secundárias, seu controle

institucional passou a ser realizado em diversas esferas e por inúmeros interesses de acordo com o período e a imposição cultural da época, aspecto observado também no ambiente escolar.

Nas pesquisas bibliográficas relativas ao surgimento e à constituição das instituições disciplinares, é notável perceber como a escola surge combinando toda uma série de dispositivos regulares presentes em outros mecanismos de controle do poder, como as rotinas próximas aquelas aplicadas nos exercícios militares ou todo culto em torno da figura do professor, que assemelha à relação de pastoreio presente nas organizações religiosas com seus líderes (p. 2)⁶.

Desse modo, os comportamentos que são exigidos dos alunos na instituição escolar deverão ser apreendidos desde os anos iniciais: como a formação de filas e a tradicional acomodação nas carteiras enfileiradas.

Neste contexto, o corpo, que deve estar a serviço da razão, é colocado em segundo plano. A sensibilidade e o fazer são inferiorizados quando relacionados ao pensar, caracterizando uma concepção de ser humano fragmentado.

Para Mazoni⁷ a consolidação de tal separação entre corpo e mente, sensível e racional, matéria e espírito, encontra no processo de escolarização uma importante ferramenta para sua concretização. Gonçalves⁸ corrobora com tal afirmação ao identificar que a escola “reproduz as características da civilização ocidental ao privilegiar, sobretudo, as capacidades cognitivas do aluno, perpetuando a cisão entre o mundo da razão e o mundo da sensibilidade (p. 132)”.

Segundo Souza Santos⁴, sobre a impregnação da distinção absoluta entre corpo e alma, “o fato de pensarmos e conhecermos com o corpo, apesar de ser com o corpo que temos a percepção, experiências e memória do mundo, ele é tendencialmente visto como um mero suporte ou tabula rasa de todas as coisas valiosas produzidas pelos seres humanos (p. 158)”.

Com esta valorização do intelectual em detrimento das manifestações corporais, uma das primeiras tarefas atribuídas à escola é a de controlar os corpos e posicioná-los no tempo e no espaço pré-estabelecidos pelo seu próprio ambiente, de acordo com seus

Magalhães EA, Zimmermann MA. O espaço escolar e o controle dos corpos: A prática esportiva como práxis de libertação, desalienação e aprendizagem. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2019; 3: 1-12.

objetivos. Sendo assim, quanto antes este processo de modelagem se iniciar, mais tempo a instituição terá para concretizar o processo de transformação por ela esperado.

Segundo Milstein e Mendes⁵ (p. 99) “o corpo criança não funciona como corpo-aluno naturalmente”, sendo necessária, a imposição de meios de controle para sua adaptação aos interesses da instituição escolar.

O corpo adaptado aos interesses institucionais (corpo este moldado para atender às demandas da razão) é um corpo controlado, que pouco se move, que pouco se expressa, que pouco se manifesta, promovendo a crença de que a necessidade do movimento corporal é uma característica exclusiva da infância, que se perde ao longo dos anos.

Foucault⁹ percebe a instituição escolar como encarregada, ao longo de séculos, de disciplinar e docilizar os corpos, valendo-se de inúmeras estratégias para isso. Seja na distribuição espacial, na organização das fileiras, na divisão dos horários ou mesmo na elaboração arquitetônica das escolas. Para o autor, existe implícita ou explicitamente, uma tentativa de coerção e reordenamento dos corpos para determinados interesses sociais.

Em relação à funcionalidade que a escola possui, evidentemente ela se fundamenta de acordo a estruturação existente em seu tempo, instituindo-se como uma ferramenta cujas funções vêm ao encontro do interesse e das necessidades do grupo social dominante.

Ludwig¹⁰ identifica, por exemplo, no sistema capitalista, a escola como “um componente de vital importância para existência do sistema”, pois seria ela “a grande responsável pela formação de uma força de trabalho dotada de características congruentes com as exigências desse sistema econômico (p. 25)”.

Assim, a educação pode tanto ser promovida com a finalidade de adaptar os sujeitos ao sistema imperante, caracterizando como alienante, ou favorecer o processo de libertação das consciências, sendo então, desalienante, possibilidades estas sobre as quais discorreremos a seguir.

Processos Educativos: Alienação e desalienação como possibilidades

A dominação aliena o ser humano, desumanizando-o. Assim, uma educação alienante se opõe uma educação humanizadora.

Para Freire¹, a pedagogia tradicional busca adequar os indivíduos a um sistema dominante, sempre os tornando alienados, aspecto este que se reflete no tratamento dado aos corpos dos alunos no ambiente escolar.

O interesse de tal sistema é que os sujeitos se adaptem às situações vigentes. Dessa forma, o espaço escolar não é um espaço para reflexão, mas para adequação dos sujeitos à dominação das consciências e dos corpos, sendo estas entendidas como partes distintas do ser.

Nesta concepção, a educação serve para adaptar o comportamento dos sujeitos. Isso vai contra a educação conscientizadora, libertadora e humanizadora apresentada por Freire¹: que é o aprendizado. Não se trata de receber, repetir o feito e se ajustar as normas, mas participar, desadaptar-se e transformar.

Para moldar os sujeitos ao sistema dominante é necessário unificar os comportamentos. Esta unificação tem princípio no controle e na imposição dos padrões de comportamento dos corpos dos alunos (pouca movimentação e sempre de forma ordenada).

Na educação que Freire¹ denominou de bancária, as massas devem se adequar aos objetivos do sistema dominante. Então, a educação por meio do depósito de conteúdos fragmentados e desassociados da realidade serve como forma de manutenção do sistema imperante. Porém, “a educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres ‘vazios’ a quem o mundo ‘encha’ de conteúdos; (...), mas nos homens como ‘corpos conscientes’ (p. 67)”.

Freire¹ faz críticas à educação que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, tenta camuflá-lo, tornando a realidade opaca para suas vítimas. Isso é alienação.

A educação problematizadora e desalienante proposta por Freire² parte do conhecimento dos sujeitos sobre sua própria história, sobre sua condição histórica, “Por isso mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada (p. 83)”. Esta educação problematiza, liberta e desaliena. E a essência desta educação é o diálogo, pois sem ele não há comunicação, e sem esta não há educação verdadeira¹.

Assim, possibilitar a voz do outro é fundamental para a educação libertadora. Nesta, não há hierarquia na relação educador-educando, há diálogo, e por meio deste ocorre a transformação do mundo pela ação consciente dos seres humanos.

Segundo Freire¹, o diálogo se inicia na escolha do tema sobre o qual se irá estudar, na busca do conteúdo programático. Dessa forma, os educadores não devem selecionar sozinhos os conteúdos que acham melhor para seus estudantes. Tal escolha deve ocorrer, mediante diálogo, com a participação de todos os envolvidos no processo de construção do conhecimento.

Os temas geradores, que assim são chamados porque podem desdobrar-se em outros temas, emergem das situações que as pessoas vivenciam. Situações estas que não se constituem “numa realidade estática, mas como realidade em transformação, em processo (p. 82)”¹.

Freire¹ defende que o conhecimento deve partir do saber, da linguagem, da necessidade e da realidade popular, respeitando o cotidiano das pessoas. Porém, não se deve permanecer em torno desse saber. Este é apenas o início de um processo que busca avançar em direção à humanização, libertação e desalienação dos seres humanos.

Do mesmo modo que os saberes não podem ser hierarquizados, a dicotomia corpo-mente também precisa ser superada. Para Bondía¹¹, “o pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (p. 21)”

Bondía¹¹ explora a possibilidade da experiência, como uma reflexão sobre a prática, que segundo sua definição é o que nos passa, nos acontece, o que nos toca. Segundo o autor o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. Este saber, este conhecimento não se separam do indivíduo concreto do qual é encarnado.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão,

escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (p. 19)¹¹.

A prática esportiva como fenômeno multicultural e desalienante

Nas últimas décadas, a inserção de grupos que antes estavam alijados do processo de educação formal no interior das escolas, fez com que esta instituição se deparasse com uma heterogeneidade social que exigia mudanças na estruturação do sistema. Segundo Neira¹², porém, “o aumento da demanda, no entanto, não inspirou de imediato qualquer reconfiguração curricular visando incluir as experiências de vida dos novos alunos, entre elas, o reconhecimento e a valorização do seu patrimônio cultural corporal (p.2)”.

Sendo assim, ainda constatamos práticas pedagógicas restritivas no cotidiano escolar, geralmente associadas a um processo de contenção da disciplina e estruturação da ordem como estratégias para o aprendizado que objetiva normatizar o corpo de forma homogênea, determinando modelos a serem seguidos.

É evidente, porém, que novas concepções pedagógicas vêm buscando compreender criticamente tal fenômeno em toda sua complexidade. A teoria multicultural, por exemplo, com seu viés crítico, aponta para um entendimento entre as diferenças muito mais amplo do que sua simples identificação biológica ou sua aceitação. Nesta concepção, não basta apenas identificar as diferenças individuais ou coletivas ou mesmo aceitá-las, como em outras teorias, é necessária a compreensão acerca dos mecanismos que a criaram e ao mesmo tempo perpetuam essas diferenças na sociedade¹³.

Os questionamentos quanto as práticas educacionais também alcançavam o debate acerca do corpo. “Os corpos estão em tudo”, segundo Bondía¹¹, mas nunca da mesma forma. O autor ressalta a complexidade do raciocínio e “os argumentos que se misturam com emoções, desgostos e alegrias, amores e ódios, festa e luto (p. 138)”

Desta maneira a prática esportiva colabora em trazer para o corpo as emoções advindas de suas possibilidades infinitas. O ganhar, o perder, a espera, a comemoração, a superação, a tristeza, o entendimento do que seja diferente. Assim como apontado por Souza Santos⁴, dar a voz ao corpo jubiloso, o terceiro tipo de corpo privilegiado pelas

Magalhães EA, Zimmermann MA. O espaço escolar e o controle dos corpos: A prática esportiva como práxis de libertação, desalienação e aprendizagem. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2019; 3: 1-12.

epistemologias do Sul, “que se regozija com o prazer, a festa, o riso, a dança, o canto, o erotismo, tudo em celebração da alegria do corpo (p. 164)”

Neste ponto identificamos a importância do esporte como possibilidade de desalienação.

Para Correia¹⁴, “O Esporte é legitimamente um objeto a ser pedagogizado na Educação (formal e informal) e na Educação Física (formal e informal) (p. 25)”. Para o autor a instituição escolar é considerada como um espaço de saberes sistematizados a serem problematizados, e seus conteúdos culturais mediados por diferentes interlocutores das disciplinas escolares. Nesta mediação e transformação didática e pedagógica, a partir de sua inerente transversalidade o Esporte é passível de ser pedagogizado, constitui-se assim um tema educativo profícuo para estimular diálogos interdisciplinares. Parte do currículo da Educação Física, o esporte ainda segundo Correia¹⁴ é um campo aberto e fecundo ao imaginário social.

Segundo Gusdorf¹⁵ o professor, os jogos, o recreio, representam ritos de passagem da civilização, e as recordações possuem um valor emotivo considerável.

Na prática, a adoção de uma estruturação pedagógica com foco nestas ações transforma completamente o modo de se compreender e se construir o processo educacional no ambiente escolar. Sem o determinismo no qual a escola e o professor transmitem o certo e modelam as relações e os comportamentos de acordo com alguns padrões, a função da instituição de ensino passa a ser a de mediador que busca transformar as relações desiguais por meio de princípios de compreensão e valorização frente às diferenças.

Identifica-se, assim, o multiculturalismo e o esporte como possibilidades de romper com diversas práticas de controle e padronização dos comportamentos corporais impostas pela escola ao longo da história. Isso porque, ao identificar os alunos como possuidores de cultura, estes passam a ser respeitados em suas singularidades e em seus conhecimentos prévios, perspectiva esta que tende a se distanciar da imposição de valores estranhos (característica do processo de alienação), e aproxima-se da teoria proposta por Freire², que pretende a libertação das consciências (característica do processo de desalienação).

O surgimento da perspectiva multicultural no ambiente escolar aparece, então, como possibilidade de permitir aos estudantes a identificação do ser humano como

sujeito histórico que atua e modifica a realidade na qual se insere, transformando o mundo com sua atuação, não se constituindo como objeto, mas como sujeito da história.

Considerações finais

Constatou-se, ao longo deste estudo que no decorrer da história, a cultura de grupos excluídos foi identificada como inferior ou incorreta pelas instituições de ensino. Deste modo, as práticas pedagógicas buscavam homogeneizar as diferenças, por meio de práticas corporais determinadas por um grupo social dominante, e que estimulavam a dicotomia corpo e mente.

Com o aumento gradativo da presença das diferenças no ambiente escolar, e os conflitos delas provenientes, teorias como o multiculturalismo crítico buscaram propor um tipo de concepção pedagógica que promovesse não apenas a convivência entre as diferenças, mas o entendimento das causas destas, colaborando assim, para valorização humana e a construção da democracia plena na sociedade.

E é nesta proposta crítica que a prática do Esporte na escola emerge como forma de ruptura da docilização dos corpos. Para isto, o processo de aprendizagem não pode pautar-se nas antigas teorias dualistas que isolavam o corpo da mente ou o utilizavam como instrumento para o desenvolvimento cognitivo.

De acordo com Zimmermann¹⁶, que relaciona o movimentar-se humano é essa experiência tão primordial quanto nossa existência.

O corpo reúne nele mesmo os paradoxos do mundo da vida, quando temos que pensar este corpo em movimento nos deparamos com as limitações de nossos conceitos. Neste sentido, as contribuições das ciências da educação são fundamentais, posto tratar-se de um estudo sobre aprendizagem (p. 10).

A compreensão que se tem na expectativa desta aprendizagem do movimento para aceitar a metodologia de ensino de gestos artísticos e esportivos é limitar o potencial desta experiência, que segundo Zimmermann¹⁶, existe um saber corporal que muito pode dizer sobre nossas próprias capacidades, e pensar o movimento é pensar o próprio ser humano na sua constituição.

Trazendo para o campo dos afetos e emoções, a relação do corpo e suas emoções, que por vezes também é dicotomizada, somando-se a separação corpo/razão, Sousa Santos⁹ propõe o *corazonar*, que

(...) é um sentir-pensar que junta tudo aquilo que as dicotomias separam. Visa ser instrumentalmente útil sem deixar de ser expressivo e performativo. É o ato de construir pontes entre emoções/ afetos, por um lado, e conhecimento/razões, por outro (p.154).

Neste contexto o papel do professor de Educação Física tem dimensões importantes no sentido de encantar e inspirá-los para a vida toda. Segundo Rubio, Meira e Zimmermann¹⁷ a inspiração aqui referida tem a consideração do sensível, “É a incorporação dos planos afetivo e intuitivo tão necessários ao cumprimento de um chamado que pode ser imposto por uma determinação externa ou interna, resultante de uma ação si sistemática e não esotérica.

Sendo assim, é preciso que o ser humano seja reconhecido como unidade indissociável. Isso porque, percepção, corpo e consciência são impossíveis de separação. Não há como desvincular a consciência da percepção e esta do corpo.

Portanto o que se propõe é o rompimento das práticas impositivas e autoritárias que não compreendem os seres humanos em sua totalidade.

A educação, e as incontáveis possibilidades de práticas esportivas podem, e devem, possibilitar a expressividade do estudante respeitando-o em seus modos de ser, fazer, pensar, sentir e agir, na medida em que se desenvolvam práticas educativas que possibilitem a compreensão das responsabilidades individuais na formação da coletividade e assim, na constituição da sociedade democrática.

Referências

- 1 Freire P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005.
- 2 Freire P. *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005.
- 3 Castro MG, Andrade TMR, Muller MC. Conceito mente e corpo através da história. *Psicologia em Estudo*, Maringá. 2006; 11(1): 39-43.
- 4 Santos BS. *O fim do império Cognitivo. A afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2019.
- 5 Milstein D, Mendes H. *Escola, corpo e cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez; 2010.

Magalhães EA, Zimmermann MA. O espaço escolar e o controle dos corpos: A prática esportiva como práxis de libertação, desalienação e aprendizagem. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2019; 3: 1-12.

6 Pereira FDS, Oliveira AML. Corpos dóceis e disciplinados: Rotinas e práticas da escola moderna. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade; 22-24 out. 2010; Laranjeiras, SE, Brasil. Aracaju: UF; 2010 [citado em 30 out 2019]. Disponível em http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/cdcoloquio/eixo_02/e2-76.pdf.

7 Mazoni ARMG. Corpo e movimento no cotidiano de uma escola “plural”: um estudo de caso [dissertação]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2003.

8 Gonçalves MAS. Sentir, pensar, agir: Corporeidade e educação. Campinas: Papirus; 1997.

9 Foucault M. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes; 1997.

10 Ludwig ACW. Democracia e ensino militar. São Paulo: Cortez; 1999.

11 Bondía JL. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. 2002; 19(2): 20-28.

12 Neira MG. A educação física em contextos multiculturais: Concepções docentes acerca da própria prática pedagógica. *Currículo sem Fronteiras*. 2008; 8(2): 39-54.

13 McLaren P. Multiculturalismo revolucionário: Pedagogia do dissenso para novo milênio. Porto Alegre: Artmed; 2003.

14 Correia WR. Pra começo de conversa. O fenômeno esporte: Um entrecruzamento de movimentos espetaculares. In: Remonte JG, Polito LFP (Org.). *Educação Física escolar e esporte de rendimento: dá jogo?* São Paulo: Ed. Fontoura; 2018. p. 23-27.

15 Gusdorf, G. Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia. São Paulo: Martins Fontes; 2003.

16 Zimmermann AC. Ensaio sobre o movimento humano: Jogo e Expressividade [tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2010.

17 Rubio K, Leite CM, Zimmermann MA. Prática docente em educação olímpica: Um desafio transversal. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2013; 27(7): 53-55.